

## MARISCAGEM E TRABALHO FEMININO EM BATATEIRA, CAIRÚ-BA

Uliana Esteves<sup>1</sup>

**Resumo:** *Este texto busca descrever e analisar os aspectos inerentes à atividade de coleta de mariscos e crustáceos no manguezal em uma comunidade pesqueira baiana. Como fator para compreensão desta atividade, buscou-se analisar os significados conferidos ao manguezal pela população local para, a partir daí, descrever esta atividade, bem como discutir a sua importância para a comunidade. De modo a problematizar as peculiaridades de uma comunidade pesqueira estuarina, as relações de gênero são observadas a partir da análise da divisão sexual do trabalho na atividade extrativista, discutindo os fatores que organizam as especializações do trabalho feminino e masculino nesta comunidade.*

**Palavras-chave:** Extrativismo; Cognição ambiental; Divisão sexual do trabalho.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui um dos produtos da pesquisa para elaboração de monografia intitulada “Saberes do mangue: relação mulher-meio ambiente na comunidade pesqueira de Batateira, Cairú-BA”, que foi realizada em 2006 em uma comunidade que vive da prática de mariscagem na denominada Costa do Dendê, na região do Baixo Sul da Bahia. O local que estudamos se encontra localizado na ilha de Boipeba, no município de Cairú. Batateira tem cerca de 65 habitantes e constitui uma espécie de bairro rural da vila de pescadores de Garupá.

A pesquisa realizada buscou compreender a relação das mulheres com o manguezal, particularmente nos aspectos que se referem ao saber local sobre este tipo de ecossistema e seu manejo. Com este propósito, discute-se os significados que são atribuídos ao manguezal e descreve-se o trabalho de coleta de crustáceos e moluscos para, por fim, tentar fazer uma etnografia da divisão sexual do trabalho na mariscagem, atividade esta realizada por homens e mulheres, resultando na produção de caranguejo, lambreta e outros mariscos que são comercializados na própria região.

### AMBIENTE, TRABALHO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Manguezal e mariscagem se fundem na fala dos moradores de Batateira, uma vez que “viver do mangue” significa viver da mariscagem. No entanto, viver do mangue significa estabelecer padrões de comportamento e rotinas diárias intrincadas com este ecossistema, daí ser o “mangue” uma categoria nativa polissêmica que é utilizada para designar tanto o ecossistema quanto a atividade produtiva.

O manguezal é tido para autores como Woortmann (1991) como um espaço intermediário entre o mar e a terra, porém mais associado a terra. Nestas comunidades, mangue e oceano apresentam significados simbólicos diferentes. Embora não exista praia em Batateira, sendo aí uma região de estuário, o oceano é referido como “mar de fora” e as águas do estuário como

---

<sup>1</sup> Concluinte do Bacharelado em Ciências Sociais, na Concentração em Antropologia/FFCH da Universidade Federal da Bahia - UFBA. Orientador: Carlos Caroso, PhD. em Antropologia, Professor Associado I no Departamento de Antropologia e Etnologia/FFCH/UFBA; Pesquisador I-D do CNPq.

“maré”. Seus moradores consideram o “mar de fora” uma “coisa feia, muito violento e forte”. Já a “maré” tem as suas variações, mas não apresenta os riscos que o mar apresenta.

No trabalho de Woortmann (1991), o mangue aparece como um espaço de coleta onde os produtos são obtidos por mulheres. Mangue e mar teriam significados sociais diferentes. O mar sendo espaço característico do homem, ao qual a mulher tem acesso restrito, ficando para si o mangue e a terra. Sendo assim, o mangue, por ser um espaço mais associado à terra, é um espaço característico feminino, “acionado” apenas nos momentos de dificuldades. Tanto nos estudos de Ivo (1975) sobre a atividade pesqueira tradicional em um contexto urbano, quanto no trabalho de Nunes (1988) sobre a importância da pesca em uma pequena comunidade baiana, a coleta de mariscos no mangue é uma atividade da qual se encarregam mulheres e crianças. Beck (1989) também define o mar como um espaço masculino, fator este de invisibilidade do trabalho feminino nessas comunidades. Deste modo, a mariscagem assume característica de trabalho feminino e, portanto, de status social inferior à pesca para algumas comunidades pesqueiras.

Estas situações previamente relatadas diferem daquela de Batateira, uma vez que aí o mangue é um espaço compartilhado por homens e mulheres, sendo um dos principais fatores envolvidos nesta especialização de trabalho as limitações ambientais, por ser este o único ecossistema disponível para a “exploração”. O mangue é considerado e tratado como um espaço público (Diegues, 1995), que comporta a presença feminina e masculina quase indistintamente, exceto por definições de gênero do trabalho no tocante a atributos físicos dos dois sexos.

Os moradores de Batateira não vêem alternativa possível à mariscagem, salvo alguns homens que trabalham em uma fazenda de coco e dendê que exige uma caminhada de três horas para chegar-se ao local. Deste modo, o mangue é um “meio de viver”, é muito mais que um espaço concebido naturalmente, passando a ser um espaço no qual se realiza a principal atividade produtiva local e do qual todos dependem para sobreviver.

A relação estabelecida entre a população e o ambiente é tanto de dependência quase exclusiva quanto de certa repulsa, de gratidão e de sofrimento. Os trabalhadores reconhecem esta relação de dependência, ao mesmo tempo manifestam o desejo de “sair do mangue” e de não “viver do mangue”. Neste sentido, os significados são ambíguos, “na mesma da hora é bom e é ruim”, como afirma uma marisqueira. Ao mesmo tempo em que o mangue representa “tudo” na vida destas pessoas, seus ideais de vida não o incluem, uma vez que todas gostariam de realizar outra atividade fora deste espaço. A dependência do mangue é explicada pela dificuldade de conseguir outro tipo de trabalho ou emprego formal. As pessoas consideram, ainda, que dispor de condições adequadas para a prática da pesca, tais como redes e armazenamento a frio, seria uma forma de tornar a atividade que exercem mais lucrativa e menos difícil. Para eles, nas condições atuais “o sistema é bruto”, contudo a cata de mariscos é a única possibilidade de prover suas necessidades e obter alguma renda.

Os múltiplos significados atribuídos ao mangue são expressos através de percepções opostas. Assim é que este é denominado de “mangue é difícil”, o “mangue fede”, o “mangue está feio”, é “muito perigoso”, “muito trabalhoso”, ao mesmo tempo que “agradecem a Deus” por terem o mangue, pois é através deste que podem sustentar os filhos, assim como foram sustentados por seus pais, que também viviam da mariscagem.

Em oposição aos aspectos negativos acima destacados, o mangue recebe atributos positivos associados ao aumento da presença de mariscos. “Mangue bom” é quando este tem uma quantidade maior de lambreta e de caranguejo, isto é, apresenta grande quantidade dos “buracos de caranguejo”, toca onde o animal se esconde, e de “olhos da lambreta”, orifício na lama de onde mina água, identificando que ali tem uma lambreta.

Os moradores mais antigos percebem mudanças significativas no mangue através do tempo. Eles contam que era muito diferente do que é hoje em dia, pois havia muita “fartura”.

Tanto no presente quanto no passado os significados positivos se encontram associados à produção, isto é, à quantidade de mariscos que se tira. Assim é que se considera que antigamente o mangue era melhor, pois deste retiravam mais “mercadoria”. A moradora conta que antigamente ela retirava 50 a 60 dúzias de lambreta em uma “maré”, ou seja, em um dia de trabalho, enquanto que hoje esta mesma quantidade é retirada em uma semana.

A redução da produção de mariscos que é notada tem como causa maior o aumento da quantidade de pessoas que dependem destes para sua sobrevivência, como afirmam os moradores. No caso específico do caranguejo, muitos atribuem à doença que os vem afetando, assim como à presença de uma plataforma submarina de prospecção de petróleo na região. Deste modo, a seleção do local para mariscar toma como critério a intensidade de sua exploração, o mangue “menos trabalhado”, ou seja, o mangue ao qual poucas pessoas têm acesso ou aquele que há dias não se vai. O critério de rotatividade acaba por ser uma forma de gestão e conservação ambiental adotado pelos membros da comunidade, uma vez que permite que o ambiente se recomponha. Existem muitos locais que os moradores costumam mariscar e não apenas um específico, alguns desses locais distam cerca de três horas de Batateira. Os moradores utilizam canoas ou animal, jegue ou mula, para ir ao mangue escolhido, ou andam a pé mesmo. Para se chegar ao Abreu, por exemplo, que é um dos locais considerados menos trabalhados por ser mais distante do povoado, as pessoas chegam a andar cerca de uma hora. A canoa utilizada é um tipo de embarcação a remo. Este tipo de embarcação serve para o transporte de passageiros e cargas, tendo cerca de 5m de comprimento.

As marisqueiras e marisqueiros mostram intimidade com este ambiente, considerando que o andar na lama é uma “coisa fácil”, contudo, para quem não está habituado, torna-se um ato um tanto quanto difícil. Para os moradores, andar na lama é uma coisa para “pobre”, pois “gente rica” não sabe. Deste modo, reconhecem a sua situação social em um sistema de classes a partir da atividade que realizam.

A fauna do manguezal, sobretudo os mariscos passíveis de comercialização, significa para a comunidade uma mercadoria de modo a conferir valor de troca aos animais. A mariscagem é uma das formas tradicionais de uso do manguezal. Populações indígenas já utilizavam há mais de dois mil anos antes de Cristo, coletando moluscos e crustáceos e pescando nos manguezais, utilização que é atestada pelos depósitos conchíferos, os sambaquis (DIEGUES, 1995; ALVES, 2004).

O termo mariscagem deriva da palavra marisco que significa, segundo Santos (1982), “coisa do mar”, que mais se aplicou aos moluscos e artrópodes apanhados para comer nas areias da praia. Como aponta o autor, “ampliando-se, analogicamente, o sentido, já o verbo mariscar tomou novas acepções como catar (...)” (SANTOS, 1982; p. 27).

A mariscagem é um trabalho de coleta, sendo usados termos como “pegar” e “tirar” para definir a ação. Ivo (1975) identifica esta coleta como um subsistema da pesca, Nunes (1988) identifica o trabalho das mulheres coletoras na categoria da pesca. No entanto, há que se notar que a mariscagem, ou o trabalho de coleta no manguezal, tem aspectos simbólicos, econômicos e ecológicos distintos da atividade pesqueira, sobretudo da pesca oceânica.

Segundo dados da Embrapa – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (1996), o Brasil possui 2.500.000ha. de manguezais. Daí supõe-se a importância ecológica e econômica no sentido de que, ao longo do litoral brasileiro, muitas são as populações que sobrevivem da pesca de pequena escala, tendo no manguezal um verdadeiro berçário para diversos peixes marinhos e estuarinos, além dos moluscos e crustáceos que são coletados.

Os fatores ambientais associados ao desenvolvimento e utilização de tecnologias de produção, as “artes de pesca”, influenciam na economia local favorecendo e quase determinando o exercício de uma única atividade rentável. O trabalho de mariscar é realizado geralmente em

grupo ou no mínimo em duplas. Isto pode ser associado a diversos fatores como a própria solidariedade, a companhia ou a proteção em relação aos riscos do trabalho. Embora os resultados da atividade sejam divididos no máximo dentro da unidade doméstica, esta não é uma atividade que se desempenha de forma solitária. Ainda que se trabalhe individualmente e não coletivamente, no sentido de que cada indivíduo pega a sua quantidade, as ações estão imbricadas em um sistema produtivo maior.

Em Batateira, os principais produtos do mangue que são comercializados, representando importante e fundamental fonte de renda para a população, são o caranguejo e a lambreta. A ostra também é comercializada quando encomendada. As técnicas de coleta e captura são diferenciadas para cada marisco e fazem parte do “aporte conceitual” desenvolvido em torno desta atividade.

Para tirar lambreta é fundamental que a pessoa identifique o “olho da lambreta”, ou seja, um pequeno orifício na lama de onde mina água, indicando que ali pode-se encontrar o molusco. Faz-se um movimento com o facão na lama até ressoar o barulho da ponta do facão encostando-se à lambreta. Quando o marisco é achado ele é retirado com a mão, num movimento que empurra o braço até a altura do cotovelo na lama. Geralmente as lambretas aparecem próximo às “quizangas”<sup>2</sup>. É preciso curvar o corpo em quase 90°. Fica-se muito tempo nesta posição, sendo este o motivo pelo qual as pessoas atribuem às dores nas costas. Deste modo, escolhe-se o tamanho do facão a depender das necessidades, como uma questão de saúde. O facão tem entre 18 a 20 polegadas e se deteriora em mais ou menos três meses. Algumas pessoas escolhem determinado número por terem problemas de coluna.

Já para o caranguejo, as pessoas definem três técnicas diferenciadas de captura: *braço*, *redinha* e *tapado*. A técnica de braço, ou “tirar braço”, consiste em “arrombar” a lama, ou seja, fazer um buraco no local do buraco do caranguejo e depois enfiar a mão pegando-o por cima. A redinha é uma armadilha utilizada para capturar o caranguejo que os moradores reconhecem como ilegal. No entanto, afirmam que é a forma mais utilizada para pegar caranguejo. A rede é feita de ráfia, sacos de farinha, com cerca de 20 tiras ou fios que são amarradas nas extremidades. Esta técnica consiste em colocar uma rede na toca do caranguejo que ao sair, prende-se à armadilha. No dia seguinte, ele é retirado. O tapado consiste em tampar com lama o buraco do caranguejo utilizando os pés, depois de duas horas, os caranguejos começam a subir e a pessoa pode colocar o braço e puxá-lo. Nas técnicas do tapado e braço, a pessoa acaba por colocar todo o corpo na lama, colocando o braço inteiro na toca.

As condições de maré também são importantes no trabalho de coleta. A população define que a melhor maré para tirar lambreta seria a maré grande, pois a água lava o mangue e assim mostra melhor os olhos. Enquanto que para o caranguejo a melhor maré seria a morta, pois o mangue não é totalmente invadido pela água e assim mostra melhor o buraco do caranguejo.

A lambreta é vendida em dúzias, custando um real cada dúzia. Existe uma variação de preço em relação, sobretudo, ao tamanho. As maiores são vendidas a esse preço enquanto que as “miúdas” chegam a custar quarenta centavos. Outra variação também se dá em função do local de venda e do comprador. Quando vendidas ao “atravessador”, figura que faz o intermédio entre os trabalhadores e o comércio final, o valor pode baixar. O caranguejo também é vendido em dúzias, no entanto, o valor de mercado dele é bastante superior ao da lambreta. A dúzia do caranguejo grande é vendida a doze reais, variando entre nove, oito e até cinco reais a depender do tamanho.

As épocas do ano também definem a variação de preço uma vez que no inverno a procura cai bastante, o valor dos mariscos também diminuem. Deste modo, os períodos de chuva são os

---

<sup>2</sup> Denominação local para as raízes das árvores de mangue.



períodos de menor ganho para a população. Além deste fato, segundo os moradores, no inverno, a água fica mais doce e isto influencia na resistência da lambreta, que acaba por morrer mais, significando, assim, perda de mariscos.

De modo geral, os trabalhadores se comunicam pessoalmente com os compradores dos produtos. Estes são geralmente comerciantes, no entanto, também existe a figura do atravessador, que compra os mariscos e revende para comerciantes. De modo geral, os moradores vão em grupo vender os mariscos em Valença. Os trabalhadores ainda se deslocam para locais turísticos para comercializar seus produtos, como Morro de São Paulo e Garapuá. Quando algum trabalhador não pode ir os outros vendem a sua parte. De preferência, os homens vão comercializar, pois, há quem diga que a mulher é mais “fraca” para a negociação.

A venda é realizada uma vez por semana. Os moradores vão para Valença às sextas-feiras. Em Valença, recebem o dinheiro da comercialização no mesmo dia da venda, enquanto que em Morro de São Paulo e Garapuá, geralmente o dinheiro é pego depois de alguns dias da entrega da mercadoria. Deste modo, a renda familiar é obtida semanalmente.

Os trabalhadores avaliam esta atividade em aspectos positivos e negativos. Para a população que vive da mariscagem, o trabalho é “na mesma da hora bom e é ruim”, como foi discutido anteriormente acerca dos significados do mangue e este estendido à mariscagem. O principal aspecto positivo é o fato de trabalharem para si mesmo, ou seja, não terem patrão, além de não terem horário fixo para o trabalho, o horário do seu trabalho é determinado pela variação de marés. Neste sentido, identifica-se a liberdade como um ponto positivo da mariscagem. Por outro lado, a baixa remuneração e o esgotamento físico do corpo são os aspectos considerados negativos, bem como o risco que se torna trabalhar no manguezal.

Os riscos do trabalho encontram-se, sobretudo, na ameaça de animais, como cobras. Outro fator de risco são as quedas nos galhos de mangue e os cortes de ostra. Problemas de coluna não são necessariamente apontados não como um risco, no sentido de se configurar como algo perigoso, porém é uma queixa que todos os trabalhadores fazem. Outro fator de incômodo são os mosquitos existentes no manguezal, maruin e mutuca.

Alguns mecanismos são adotados para minimizar os incômodos dos mosquitos. Para se protegerem, os trabalhadores passam óleo diesel no corpo ou queimam carvão em uma pequena lata enquanto estão trabalhando. As roupas utilizadas também servem para se proteger dos insetos. Geralmente, usam-se calças compridas e blusas de manga para trabalhar.

Uma vez que o mangue é tradicionalmente associado à terra e esta por sua vez se configura como um espaço feminino nas comunidades pesqueiras, em oposição ao mar que seria um espaço masculino, a atividade no mangue estaria relacionada ao trabalho feminino. Deste modo, a associação à identidade “marisqueira” é feita pelas mulheres. Neste sentido, em Batateira, sobretudo as mulheres se identificam desta forma. Os homens preferem ser chamados de trabalhadores do mangue ou pescadores, poucos se identificam como marisqueiros e de uma forma muito tímida. Em última análise, os aspectos simbólicos do mangue direcionam a identificação apenas das mulheres como marisqueiras, bem como os aspectos de produção tradicional.

Aspectos econômicos confluem para a identificação diferenciada entre homens e mulheres. Em Batateira, as mulheres afirmam que quem pesca tem mais poder, pois ganha mais. Neste sentido, a pesca é uma atividade mais rentável que a mariscagem. Portanto, em termos comparativos, a pesca teria um status social superior à mariscagem. A identidade marisqueira seria assim uma identidade feminina e, portanto, socialmente inferior à identidade masculina de “pescador”.

No município de Taperoá, mesma região que o povoado de Batateira, as mulheres não se utilizam do termo marisqueira para identificar o seu trabalho. Neste município, grande parte dos

trabalhadores do mar está inscrita na Colônia de Pesca, a instituição responsável pela representação dos seus direitos trabalhistas. No entanto, a colônia não reconhece a profissão marisqueira, mas sim pescadora ou trabalhadora do mar. Neste sentido, as mulheres passaram a ter vergonha de assim serem chamadas, tornando um termo um tanto quanto pejorativo atribuído à atividade no mangue. Infere-se daí que, não somente pelo fato de o trabalho não ser reconhecido pela colônia, mariscar tem um menor valor social por ser uma atividade de menor remuneração.

Grande parte dos moradores de Batateira não é inscrita na colônia, deste modo, não existe a diferenciação institucionalizada das atividades da pesca e da mariscagem, o status marisqueira é amplamente utilizado pelas mulheres para se auto-identificarem. Ressalte-se que devido às características ambientais, à mulher resta pouca ou quase nenhuma alternativa de realização de atividade produtiva visto que a ela é negado o acesso ao mar, através de tabus, e visto a dificuldade de cultivo da terra.

Encontramos na mariscagem uma divisão sexual das atividades, embora homens e mulheres afirmem realizar a mesma atividade. De modo geral, os homens pegam caranguejos e as mulheres tiram lambreta. Os homens “preferem” porque rende mais dinheiro, já as mulheres “preferem” tirar lambreta por ser um trabalho “mais leve”. Essas especializações definidas pela divisão do trabalho se fazem com base nas características físicas de força e crenças a respeito da fragilidade e vulnerabilidade das mulheres, sobretudo.

Associado às peculiaridades biológicas, as quais estabelecem condicionantes para a elaboração da divisão sexual do trabalho a partir do processo reprodutivo dos seres humanos e “o peso que elas representam para as mulheres” (DURHAN, 1983; p. 18), percebe-se que características ambientais e aspectos econômicos também confluem para o estabelecimento da divisão sexual do trabalho. Por biológico, entende-se as características biológicas dos diferentes sexos as quais são culturalmente significadas de modo a atribuir valores à “força masculina” e à “fragilidade feminina”. Fatores biológicos como a menstruação, por exemplo, são associados a riscos uma vez que, devido ao esforço do trabalho, as mulheres podem ter uma “hemorragia”, como afirma uma marisqueira. As características ambientais são associadas à divisão do trabalho na medida em que as atividades realizadas na mariscagem exigem interação com o ambiente e seus constrangimentos e limitações, como, por exemplo, a textura da lama que pode dificultar ou facilitar o trabalho, os aspectos econômicos, por sua vez, orientam esta divisão na medida em que o caranguejo possui valor de troca maior que o da lambreta.

Segundo Hirata (2002), existem duas visões na análise da divisão sexual do trabalho. Para a autora, a divisão social e técnica do trabalho acompanha uma hierarquia clara do ponto de vista das relações sexuadas de poder, sendo assim expressão da opressão e dominação masculina. Esta idéia difere da argumentação que compreende a divisão sexual do trabalho como uma harmônica complementaridade das atividades. A divisão sexual do trabalho na mariscagem em Batateira legitima desigualdades de características biológicas, de modo a reproduzir e manter o controle masculino pela manutenção do lar. O trabalho feminino, ainda que fora do lar, também pode ser definido como caráter de ajuda ao marido e, portanto, “meramente complementar no que diz respeito à manutenção da casa” (DURHAN, 1983; p. 33) não sendo equitativo ou superior comparado ao do homem. E ainda que homens e mulheres trabalhem numa mesma atividade “[...] não necessariamente serão consideradas tão bem-sucedidas quanto um homem nas mesmas condições que a sua.” (ROCHA-COUTINHO, 1994, p.135). Ressalte-se que o fato de ser “bem-sucedido” confere autoridade e, portanto, legitimidade para o uso do poder, portanto, a mulher é ainda limitada no uso do poder.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O manguezal é um aspecto central na vida da população de Batateira. Este ecossistema se reverte de valores simbólicos, de modo a expressar a relação que a população estabelece com este e, ao mesmo tempo, expressar as ambigüidades nos sentidos que lhe são atribuídos. O manguezal representa sobrevivência e, neste sentido, trabalho. Por outro lado é negativamente valorado pelo aspecto de dificuldade e de sofrimento. Os moradores reconhecem sua situação de classe, considerando-se pobres, por “viverem do mangue”.

Observa-se ainda os valores simbólicos atribuídos ao mangue em contraste com o mar. O manguezal seria um espaço ambíguo entre a terra e o oceano de modo que acaba por representar um espaço de possível compartilhamento entre os sexos, como foi observado no caso de Batateira. Deste modo, a mariscagem em Batateira é igualmente realizada e compartilhada entre homens e mulheres.

A mariscagem ou a coleta no manguezal é uma atividade bastante peculiar. A partir do conhecimento construído e repassado entre as gerações sobre o ecossistema, desenvolvem-se técnicas de coleta, muitas vezes apresentados aspectos de conservação ambiental. Homens e mulheres compartilham destas técnicas e destes conhecimentos que vêm a constituir uma visão etnoecológica, implicando num modelo de gestão e conservação dos recursos ambientais disponíveis no local. Porém, em Batateira a divisão do trabalho se faz com base nas características físicas de força e crenças a respeito da fragilidade e vulnerabilidade das mulheres, sendo estes os principais fatores na definição de especializações e reprodução das desigualdades entre os sexos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, André. **Os argonautas do mangue**. Precedido de Balinese character (re)visitado / Etienne Samain - Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

DIEGUES, Antônio Carlos. **Ecologia Humana e Planejamento em áreas costeiras**. NUPAUB/USP, São Paulo: 1995.

DURHAM, Eunice R. Família e reprodução humana. In: FRANCHETTO, Bruna et al (Orgs). **Perspectivas antropológicas da mulher**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA. **Atlas do meio ambiente do Brasil**. Terra Viva, Brasília: 1996.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?: Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2002.

IVO, Anete Brito Leal. **Pesca: tradição e dependência**. Um estudo dos mecanismos de sobrevivência de uma atividade ‘tradicional’ na área urbano-industrial de Salvador. 1975. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1975.

NUNES, Eduardo Fernando. **Pescadores de Najé: um estudo sobre relações sociais e impacto ambiental.** 1988. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1988.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. As estratégias de controle feminino como resultado do papel e da posição da mulher na sociedade. In: \_\_\_\_\_ **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 126-150.

SANTOS, Eurico. **Moluscos do Brasil: vida e costume.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.

WOORTMANN, Ellen F. **Da complementaridade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste.** Série Antropológica, Brasília, 1991.